

O NOVO CONGRESSO

Uma grande renovação



ALFREDO OBLIZINER da Editoria Política

MARCILIO E NILO: FORÇA AO CONGRESSO

Tanto para a presidência da Câmara, como para a presidência do Senado, o Palácio do Planalto não pode afirmar que conta com candidatos de seus sonhos, mas pode ter certeza de que, ao se distanciar desta sucessão, contribuiu para fortalecer o Legislativo, garantindo a harmonia e independência dos Poderes da República. E só assim daremos passos decisivos no sentido de resgatar o tão proclamado compromisso da Revolução de 1964, de democratizar o País e lançar bases sólidas para transformar o Brasil em nação potência.

O senador Nilo Coelho e o deputado Flávio Marcílio surgiram mais como candidatos das bases parlamentares do que fruto de conchavos palacianos, como sempre ocorreu. Por isso, reforçaram o processo de abertura que o presidente João Figueiredo, a duras penas, vem dando em prática. Estas candidaturas testam a força e responsabilidade do Congresso, jogando mais asfalto na longa estrada que os brasileiros estão percorrendo, para consolidar os preceitos constitucionais da República Federativa.

FLAVIO PORTELA MARCILIO

Em abril próximo o presidente Figueiredo deve viajar para o exterior - México ou Japão - e, se o vice-Aureliano Chaves não estiver plenamente recuperado da prolongada enfermidade que o acometeu, caberá ao presidente da Câmara assumir a chefia da Nação. Flávio Marcílio, que amanhã deverá ser eleito presidente da Câmara, assumirá, assim o cargo de primeiro mandatário. No seu impedimento, o cargo será preenchido pelo presidente do Senado, Nilo Coelho e, se este não tiver condições, será convocado o presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Cordeiro Guerra.

Plauense de Picos, Marcílio durante cinco legislaturas - 18 anos - vem representando o Ceará na Câmara dos Deputados. Advogado e professor de Direito da Universidade Federal do Ceará, para as cadeiras de Direito Internacional Público e Direito Internacional Privado, é, também, professor da Universidade de Brasília.

Dono de um jeito próprio e inconfundível no trato das pessoas, o representante cearense goza de igual prestígio tanto entre os funcionários da Câmara como os parlamentares. Por duas vezes foi eleito presidente da Casa e, em suas gestões, fez questão de lembrar de todos os que frequentam a Câmara, como portadores de mandatos ou servidores do Poder.

Em sua atuação, Flávio Marcílio sempre contou com Dona Nícia, sua esposa e seu braço direito. Igualmente plauense, ela é de Luis Correia, e gosta muito de política, pois sua família é tradicional e influente na região. Sua irmã é casada com o ex-governador e senador do Ceará Virgílio Távora. Por outro lado, Flávio Marcílio é primo do falecido senador Petrônio Portella e do atual governador plauense, Lucídio Portella. Com todo esse envolvimento, Marcílio vive desde jovem a política. Daí sua disposição de lutar para se reeleger pela terceira vez presidente da Câmara.

Outra característica de Flávio é a lealdade ao Legislativo. Todos os mandatos que exerceu foram integralmente dedicados a reforçar a Câmara, dando-lhe condições tanto materiais quanto institucionais para exercer seu papel. Nesta trincheira nem sempre compôs com os objetivos imediatos do Executivo e, por mais de uma vez, marchou independente.

Em todos os episódios esforçou-se para ser fiel aos seus compromissos e amigos. Com a decisão do Palácio do Planalto de não interferir na escolha dos deputados e senadores, Flávio tornou-se imbatível.

NILO DE SOUZA COELHO

O senador Nilo Coelho, líder do PDS, é figura incomum no Congresso. Sua atuação é tão estranha que chegou a ser qualificado de "anfilíter". Mas, apesar da singular conduta, o representante de Pernambuco concorre sozinho para a presidência do Senado Federal e conta com o apoio de quase todo PDS.

Médico e industrial de Petrolina, Nilo Coelho descende de família tradicional na política pernambucana. Dona Josefa, a mãe, exerce grande influência sobre o clã. E, apesar dos seus 62 anos, Nilo Coelho nada fez, na política, sem antes consultar Dona Josefa.

Casado com Dona Maria Teresa Brunnand Souza Coelho, o futuro presidente do Senado tem cinco filhas: Maria Dulce, Maria Alice, Maria Teresa, Maria Carolina e Maria Luciana. Homem de temperamento explosivo, Nilo é, no entanto, de fácil trato. Essa, sua grande qualidade. Não liga para formalidades e sabe dizer sim ou não com muita "franqueza política".

A família de Nilo Coelho há muito domina em Pernambuco. Tem um irmão deputado federal - Osvaldo Coelho - e sua facção no Estado conta com figuras muito expressivas como o ex-governador e atual senador Marco Antonio Maciel. Com interesses empresariais espalhados por todo o Nordeste, principalmente em Pernambuco e Bahia, hoje estão alcançando São Paulo.

Sua passagem pela liderança do PDS foi inteiramente atípica. As vezes tinha-se a impressão de que não falava a mesma língua do Palácio do Planalto. Caso claro foi o episódio da explosão da bomba do Riocentro. Nilo subiu à tribuna e, em resposta a discursos críticos da oposição, prometeu que o governo daria explicações sobre o grave acidente em 24 horas, o que não aconteceu.

Homem conservador, como convém a empresário bem-sucedido e dono de grandes extensões de terras,



Nilo Coelho



LUSTOSA DA COSTA da Editoria Política

UMA BANCADA QUE VAI DAR IBOPE

Fruto da abertura política e de uma das campanhas eleitorais mais dispendiosas de toda a história do País, o Congresso deverá ser um dos mais representativos da gama de interesses da sociedade brasileira. E como tal vai dar muito Ibope.

O País está curioso para saber dos debates que se travarão na Câmara e no Senado, em torno do malogro da política econômico-financeira entre Roberto Campos e Severo Gomes. E como o personalismo é traço inapagável de nossa história, vai-se debruçar em torno de Paulo Salim Maluf, das acusações a seu governo e de sua candidatura à Presidência da República.

O Congresso vai interessar à Nação pela qualificação de alguns de seus integrantes, principalmente em matéria de Ciências Sociais. Pela eleição de ex-governadores, nomeados pelo regime militar de representantes de poderosos grupos econômicos e minorias, como Agnaldo Timóteo e o cacique Juruna. De ex-ministros e governadores de Estado. Pela volta à cena de alguns eminentes proscritos pelos governos militares de 1964 para cá, como o ex-governador Miguel Arraes, o ex-ministro da Agricultura de João Goulart, Oswaldo Lima Filho, os ex-líderes do MDB, Mário Covas e Aécio Furtado. O ex-guerrilheiro, sobrevivente de Xambloá, José Geninho.

Vamos e venhamos: Câmara e Senado vão ficar até sofisticados em matéria de especialistas em ciências sociais, depois da aridez e da indigência dos últimos quatro anos.

Não é toda a casa legislativa do mundo que abriga economistas do porte de Roberto Saturnino, socialista, e de Roberto Campos, homem do establishment, responsável pela implantação da política econômico-

Nilo Coelho, no entanto, goza da amizade das oposições tanto em Pernambuco como no Congresso. Quando do episódio envolvendo a honra de seu colega coestadano Marcos Freire, o líder falou da tribuna manifestando sua inteira solidariedade ao senador peemedebista. Com isso granjeou a simpatia de áreas que o consideravam excessivamente rude para liderar o PDS.

Uma característica dos Souza Coelho é o porte físico avantajado. E, não raro, isso tem valido e facilitado o trabalho tanto de Nilo como de seu irmão Osvaldo. Militando na política desde 1947, quando foi eleito Deputado Estadual, Nilo já cumpriu quatro mandatos de deputado federal e um como governador de Pernambuco. Em 78 veio para o Senado, passando pela primeira vice-presidência antes de se tornar líder. Agora, está praticamente eleito o Presidente da Câmara Alta.



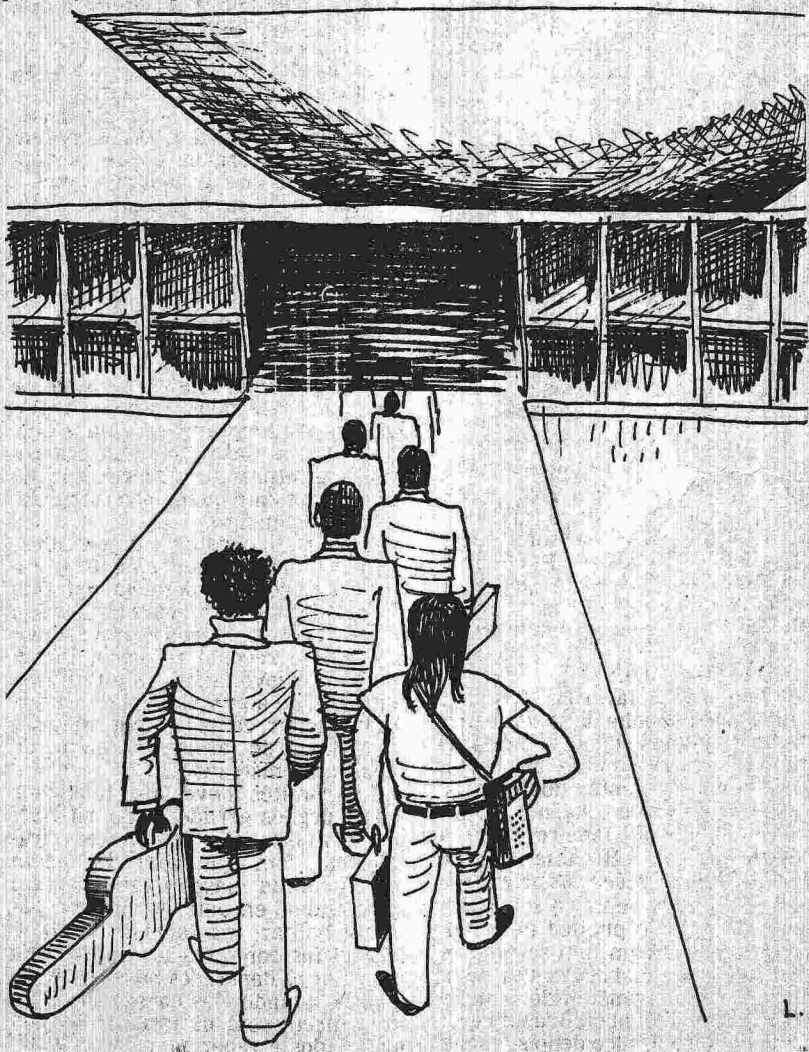
Flávio Marcílio

financeira vigente de 1964 para cá e um sociólogo de renome internacional como Fernando Henrique Cardoso. O debate econômico deverá ser animado ainda pela contribuição do presidente da CNI, Albano Franco, do ex-governador do Ceará, Virgílio Távora, do ex-ministro de Castelo Branco e de Geisel, Severo Gomes, hoje na oposição, mantendo, porém, excelente trânsito tanto junto à inteligência brasileira quanto aos governos militares a que serviu. Severo é apontado ainda como um grande negociador, arte em que é mestre o senador eleito Marco Antonio Maciel, enfant gatêdo regime e possível candidato civil à Presidência da República em 1985. Eles deverão unir-se a Paulo Lustosa (PDS-CE) e Hélio Duque (PMDB-PR), especialistas em economia da Câmara, a Siegrid Heuser e Pratiní de Moraes do Rio Grande do Sul, Nilton Veloso, de Minas, que estão chegando.

O Senado se despede de famosos oradores como Tancredo Neves, Paulo Brossard e Jarbas Passarinho para dar espaço a Fábio Lucena, do Amazonas, Marcondes Gadelha, de Paraíba, Alvaro Dias, do Paraná e Almino Menezes, de São Paulo se o ex-ministro Severo Gomes for mesmo recrutado por Franco Montoro para a prefeitura paulistana.

A Câmara deverá ser casa inquietante por abrigar tanta gente importante que acreditou na abertura e na revalorização do Poder Legislativo quando os deputados perceberem que seu espaço institucional continua limitado pela Carta Magna, editada pela Junta Militar em 1969, impregnada de ressentimento contra os políticos e os parlamentares. Será necessariamente conservador porque a maioria de seus integrantes, tanto do PDS quanto do PMDB, gastou uma nota preta para adquirir seus mandatos e não irá querer fazer marola a ponto de ameaçar a instituição. Aliás, em matéria de gastos eleitorais, lembrará um pouco a de 1982, composta de elementos do IBAD, eleitos com o dinheiro da embaixada norte-americana e dos que se beneficiavam do apoio do governo federal.

O que ninguém está ainda querendo encerrar é o fato de que será, no Senado e na Câmara, que irão explodir os ressentimentos sociais, gerados pela recessão e pela política de restrição, impostas aos assalariados pelo pacote do FMI. Distante do AI-5, numa época de plena liberdade de discussão, o Parlamento não terá, como no governo Geisel, como se esqueça quando os sindicatos, os funcionários públicos, os estudantes vierem às ruas e às suas galerias insurretos contra uma "austeridade" que corta, na carne, a sobrevivência do assalariado, dentro da tradição brasileira de a corda quebrar sempre do lado mais fraco.



Marco Maciel

MACIEL, NO PDS, JARBAS NO PMDB

ZENAIDE BARBOSA*

Recife - O senador Marco Maciel, pelo PDS, os deputados Miguel Arraes e Jarbas Vasconcelos, pela oposição, formam o trio de vanguarda da nova bancada de Pernambuco no Congresso Nacional. O senador eleito e ex-governador chega ao Congresso Nacional festejado como o principal artífice da vitória do PDS em Pernambuco, Estado onde as oposições despontavam como francas favoritas.

Do lado da oposição, o ex-governador Miguel Arraes emergiu de um ostracismo de 18 anos, desde quando foi deposto e exilado em 1964, como o mais votado, do partido e do Estado, com 194 mil votos, cerca de um quarto da votação do candidato majoritário a governador, senador Marco Freire. O discurso de campanha do ex-governador foi centrado nos temas econômicos e no chamado "modelo brasileiro", sem fazer concessões ao varejo.

O segundo mais votado do Estado e do PMDB, Jarbas Vasconcelos, fora responsável pelo lançamento antecipado da candidatura do senador Marcos Freire a governador, em maio de 1981. O lançamento funcionou como fagulha para acender as divergências partidárias, ensejando, à época, o retraimento de Miguel Arraes, que nutria esperanças de vir a ser o escolhido.

Considerado intransigente pelos adversários e coerente pelos correligionários, Jarbas Vasconcelos deixou sua marca na campanha oposicionista pela obstinação em evitar que se consolidasse a candidatura de Cid Sampaio ao Senado, tida por ele como descaracterizadora do limbre oposicionista autêntico, que desejava preservar. Acabou sendo atropelado pelo senador Marcos Freire, que impôs a candidatura de Cid, sendo depois considerado que as "chafurdagens", como eram citadas pelo noticiário político, deixaram cicatrizes irreparáveis para o partido oposicionista.

Alguns tópicos da história da campanha servem para ilustrar o perfil dos principais integrantes da nova bancada de Pernambuco, como o senador Marco Maciel e os deputados Miguel Arraes e Jarbas Vasconce-



Sinval Guazelli: boa votação

A BANCADA GAÚCHA COM EX-CASSADOS

ANA AMÉLIA LEMOS*

Seis ex-cassados, um ex-ministro, um ex-governador "biónico", dois ex-prefeitos e um líder classista. Essa será uma parte da bancada do Rio Grande do Sul, no Congresso Nacional, a partir de terça-feira. Com uma renovação superior a 60% — apenas 12 conseguiram a reeleição — a nova bancada promete tanto destaque quanto a que está encerrando seu mandato e que mereceu críticas pela concentração de poder, na Câmara Federal, pelo menos, já que, nos dois últimos anos, a presidência da mesa e as lideranças dos três maiores partidos estiveram nas mãos de gaúchos — Nelson Marchezan, Odacir Klein, Hugo Mardini e Aiceu Collares.

Dos cassados, quatro foram eleitos pelo PDT — o partido do Brizola, como se diz lá no Sul. Florisceno Paixão que teve a guilhotina política do AI-1 acompanhado pelos companheiros Amaury Muller, Nadyr Rossetti e Mateus Schmidt, todos punidos pelo AI-5, sendo que os dois primeiros, no governo do ex-presidente Ernesto Geisel, em 1978 e o último, à época da Junta Militar. Do PMDB, retornam à Tribuna, na Câmara Federal, o último presidente do PTB gaúcho e primeiro presidente do diretório do MDB, Siegrid Heuser que com a cassação transferiu a liderança partidária ao senador Pedro Simon, hoje seu cunhado. Outro que retorna à Câmara Federal pelo mesmo partido é Paulo Mincaroni "o homem do porta-aviões", também cassado pelo AI-5.

Enquanto a bancada do partido de Leonel Brizola traz como trunfo político, além de uma renovação total da representação parlamentar que tem 7 deputados, o retorno à Câmara de quatro ex-cassados, o PMDB traz duas atrações: um ex-governador "biónico", Sinval Guazelli, o mais votado do partido e o professor Hermes Zanetti, cuja liderança cresceu no movimento grevista do magistério gaúcho. Três depu-

los. Incluindo os três citados, a bancada será formada por 26 parlamentares na Câmara Federal, com 14 do PDS e 12 do PMDB, e os três do Senado Federal, entrando Marco Maciel na vaga deixada por Marcos Freire e formando ao lado dos já veteranos Nilo Coelho e Aderbal Jurema (indireto).

A representação de Pernambuco aumentou de 22 para 26 deputados na presente legislatura. Com a eleição de novembro, o PMDB passou de oito para 12 cadeiras, e o PDS conservou as 14 que detinha, com algumas renovações. Todos os seis oposicionistas que disputavam a reeleição voltarão a Câmara Federal, enquanto Marcus Cunha fica na Assembléia Legislativa e Fernando Coelho fica sem mandato, por ter sido derrotado como candidato a vice-governador na chapa de Marcos Freire.

Entre os novos da oposição na presente legislatura está o advogado Egídio Ferreira Lima, considerado o "ideólogo" dos seus pares e respeitado como articulador. Deputado Estadual cassado nos idos de 1963, permaneceu atuando nos bastidores da política, sempre em defesa da tese de que a oposição deve se resguardar de alianças descaracterizadoras.

Outro estreante em Brasília é o padre Pedro Mansueto de Lavor, com base de atuação no sertão, ao lado dos seus adversários do Clã dos Coelho, que ascende ao congresso depois de um primeiro mandato de deputado estadual. ex-ministro da Agricultura no governo parlamentarista de Jango, Osvaldo Lima Filho é veterano em política e já exerceu mandatos de deputado federal e deputado estadual. Cassado nas primeiras eleições de 1964, retraiu-se da política e voltou como a anistia e a reforma partidária. Militou inicialmente no PDT e depois transferiu-se para o PP, vinculando-se ao PMDB com a incorporação.

Aos 62 anos, o tabellão Arnaldo Maciel leva para Brasília a experiência de prefeito do interior e deputado estadual. Autodefine-se como um liberal, de tendência centrista, pertenceu a antiga Arena e ingressou no PMDB, via PP, pelas mãos do seu líder e ex-governador Cid Feljó Sampaio. Os demais integrantes da bancada do PMDB são Fernando Lira, Bacharel em Direito e empresário de transportes no interior do Estado, conhecido como bom orador de massas e também ativo articulador dos bastidores.

O mais novo é Carlos Wilson Campos, que aos 34 anos vai para o terceiro mandato. Filho do senador, cassado, Wilson Campos, caracterizou-se até meados do segundo mandato como um dissidente na antiga Arena e no PDS, até que optou pelo PP. Na legislatura finda, ocupou a segunda secretaria da mesa diretora da Câmara. Outro advogado é Jose Carlos de Vasconcelos, cunhado do senador Marcos Freire que cumprira o segundo mandato e que pulou da Câmara de vereadores do Recife para Brasília. Mantém uma atuação discreta.

Cristina Tavares, única mulher da bancada pernambucana é jornalista profissional e de famílias de empresários de hotelaria. Virulenta nos seus ataques ao governo, pertenceu a antiga "Tendência Popular" do PMDB, de orientação de esquerda. De 1978 a 1982 apresentou votação ascendente.

Roberto Freire forma ao lado da

tados estaduais — Léllo Souza, José Fogaça e Ibsen Pinheiro —, farão suas estrélas no Planalto Central, certamente com a mesma disposição de brilhar com que desempenharam os respectivos mandatos na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. O ex-prefeito de Pelotas, Irajá Andara Rodrigues, chega disposto a enfrentar, primeiro, a carga da chacota, pelo peso da fama da sua base eleitoral.

EXPERIÊNCIA

O fato é que os 32 deputados que comporão a nova bancada do Rio Grande do Sul, a partir de terça-feira (13 do PDS, 12 do PMDB e 7 do PDT) não decepcionarão seu eleitorado. Pode-se dizer com segurança que a grande maioria tem vasta experiência parlamentar — os ex-cassados que viveram uma época dura, para a convivência política — e os que foram reeleitos, por mais um mandato. Dos que fazem estréia, alguns trazem a experiência do legislativo estadual e, resguardadas as proporções, poderão ocupar, com o passar do tempo, o mesmo espaço que conquistaram, regionalmente. O PDS trouxe de volta, 8 dos 13 que foram eleitos, entre os quais o mais votado entre todos os partidos — Nelson Marchezan (230 mil votos) Victor Faccini, Hugo Mardini, Augusto Trein, Darcy Pozza, Pedro Germano e Emídio Perondi. Dois deputados estaduais — Rubens Ardeghli e Guido Moesch, chegam, pela primeira vez, à Câmara Federal. A bancada, que deverá ter pelo menos três suplentes convocados (o governador eleito Jair Soares deverá convidar deputados federais para compor o seu Governo), traz dois estreantes na militância parlamentar: o ex-secretário da Agricultura, Baltazar de Bem e Canto e o ex-presidente do Instituto de Previdência do Estado e ex-dirigente do Governo, Oly Facchin. Mas o trunfo principal fica por conta do ex-ministro da Indústria e Comércio do governo Médici, Marcos Pratiní de Moraes. Será um nome importante para atuar na linha auxiliar do Governo, no debate econômico, que es-

"esquerda organizada" do PMDB. Intransigente defensor do direito de todas as correntes ideológicas se organizarem em partidos legalizados, caracteriza sua ação parlamentar pela articulação política e negociações. Possui bom embasamento teórico e foi considerado com boa presença no cenário de Brasília no primeiro mandato.

Ex-presidente do PDT no Estado, o advogado Criminalista Sérgio Murilo renova o mandato pela segunda vez. Parlamentar atuante, é tido como um moderado, adepto do diálogo com o governo para a superação dos principais problemas nacionais.

Na bancada do PDS, quatro são os estreantes: o ex-prefeito do Recife, Antônio Farias, ex-deputado estadual, empresário e o mais votado do PDS, com 82 mil votos. Ligado ao grupo do ex-governador Moura Cavalcanti, Farias é político reservado de aparições públicas, mas afeto aos bastidores e às funções administrativas.

José Jorge Vasconcelos, de formação técnica, foi secretário da Habitação do Estado. Esta é sua primeira experiência em mandato eletivo. José Moura, ligado aos meios desportivos do Estado, ascendeu de um cargo no banco oficial do Estado para o Congresso. Politicamente não apresenta uma proposta definida. O outro estreante no Congresso Nacional é Geraldo Melo, ex-prefeito de Jaboatão, o segundo colégio eleitoral do Estado e segundo município em arrecadação. Foi eleito em 1976 para a prefeitura pelo antigo MDB e mudou-se para o PDS a convite do então governador Marco Maciel.

Considerado um dos políticos de mais densidade do Estado, o deputado Thales Ramalho já é familiarizado com o ambiente de Brasília. Fundador do antigo MDB, optou pelo PDS com a incorporação do PP e hoje senta-se à mesa com as principais lideranças governistas.

Ex veteranos do PDS são Ricardo Flúza, vice-líder do governo e versado em problemas econômicos; o deputado Osvaldo Coelho, irmão do senador Nilo Coelho, concentra seu trabalho parlamentar na defesa dos problemas regionais e é um dos líderes do poderoso grupo econômico dos Coelho; Nilson Gibson, antigo advogado trabalhista, conserva as origens e cultiva as relações nos meios sindicais e é considerado "homem de confiança" do sistema, com bom trânsito nos meios militares.

Inocêncio Oliveira é médico e vai para o terceiro mandato. Tem gosto em apresentar projetos, principalmente sobre assuntos de saúde. Também médico é Pedro Corrêa, de tradicional família política do Estado. É familiarizado com a política dos Ministérios. Luiz Gonzaga de Vasconcelos, presidente regional do PDS, havia se licenciado do mandato para assumir a secretaria de Justiça do Estado. Pouco afeto ao clima de Brasília, revela-se, contudo, assíduo aos trabalhos parlamentares e partidários. O último da lista é João Carlos Petribu de Carli, de tradicional família de industriais do açúcar, filho do ex-presidente do IAA e idealizador do antigo sistema 34/18, da Sudene, Gileno de Carli. De Carli está mais para os corredores dos Ministérios do que para a tribuna e é considerado governista ortodoxo.

*Zenaide Barbosa é editora-geral do Diário de Pernambuco, órgão associado

te ano terá grande evidência, diante do socorro ao FMI, as taxas de juros, da reforma salarial e da reforma tributária, só para citar os temas de maior charme.

POLITIZAÇÃO

Conhecido pelo seu alto índice de politização, o Rio Grande do Sul, na composição da sua representação parlamentar, na Câmara Federal, dá um exemplo claro dessa posição política. Santa Maria, o mais importante centro universitário do interior e importante entroncamento ferroviário do Estado, conseguiu eleger três deputados — um de cada partido. O deputado João Gilberto, do PMDB, integrante do chamado grupo "autêntico" e dos responsáveis pelas formulações da Fundação Horta, que foi reeleito; o ex-prefeito Osvaldo Nascimento da Silva, eleito pelo partido de Leonel Brizola; e o líder do Governo, Nelson Marchezan que embora tenha votos em todo o Estado, fez expressiva votação na sua cidade natal. Está em Santa Maria, também, D. Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB. Mas apesar do apoio da Igreja o PT não conseguiu eleger nenhum dos seus candidatos.

Do folclore político a referência aos gaúchos, é, no mínimo, lisonjeira, pois diz-se que os problemas do País estariam resolvidos se dessem a eles "poder, dinheiro para paulista, prestígio para mineiro e emprego para nordestino". Dentro de dois anos essa preciosidade estará sendo testada, pela atuação da bancada, no Congresso. De saída, a representação terá a liderança do Governo e a primeira vice-liderança no Senado, com a estréia de Carlos Chiarelli, substituindo o respeitado Paulo Brassard que marcou a sua passagem pelo Congresso Nacional, pela atuação vigorosa em momento crítico da vida nacional.

Também Odacir Klein, ex-líder do PMDB e Aiceu Collares, ex-líder do PDT, deixam marcadas suas passagens pela Câmara Federal. Dedicados e competentes, conseguiram fortalecer suas posições, não apenas em questões políticas, na articulação, mas também no trabalho legislativo. Collares destacou-se com as atenções que teve na aprovação da lei do inquilinato e na reforma salarial, em 1979, dividindo espaço na imprensa, sobre os mesmos temas, com os deputados Nelson Marchezan e Carlos Chiarelli, do PDS.

Aluisio Paraguassu, que marcou época no folclore do Parlamento, pela resistência ao protocolo — andava de sandálias e safári — não volta. Em compensação será exatamente o seu partido, o PDT, que dará a melhor contribuição, no gênero, nesta legislatura que inicia com as estrélas de Mário Juruna e de Agnaldo Timóteo. Folclore em nova dimensão é claro.

*Ana Amélia Lemos é diretora da Sucursal da RBS (Rede Brasil Sul) - Zero Hora e TV-Gaúcha



Nelson Marchezan: agora, líder